

POLÍTICA E ESTRATÉGIA PARA QUÊ?

*"O maior castigo para quem não gosta de política é ser governado pelos que gostam".
Arnold Toynbee, historiador inglês (1889/1975).*

O termo "política" vem do grego (*politikê*) e significa, principalmente, "arte ou ciência da organização, direção e administração de nações ou Estados", segundo o Houaiss. Esse é o sentido que será aqui tratado, diferente da derivação partidária, que significa "arte de guiar ou influenciar o modo de governo pela organização de um partido, pela influência da opinião pública, pela aliciação de eleitores etc". Lamentavelmente, nossa riquíssima língua pátria permite essa confusão, enquanto que os ingleses, por exemplo, possuem as palavras *policy* e *politics*, respectivamente, para as definições apresentadas.

Por sua vez, "estratégia" deriva de *strategia*, que significa a arte do general (*strategos*). Embora a etimologia da palavra possa datar do grego clássico, a concepção de estratégia como a arte de reunir e empregar as forças militares no tempo e no espaço para atingir os objetivos de uma guerra tem origem relativamente recente. Desde os tempos de Maquiavel até o século XVIII, os escritos utilizaram o termo relacionado "estratagema", que significa uma treta ou ardil para conseguir uma vantagem através da surpresa. Foram os grandes intérpretes da arte da guerra napoleônica, o Barão Antoine Henri Jomini e Carl von Clausewitz, que fundaram os estudos modernos da estratégia, considerada como a "aplicação das forças militares para cumprir os fins da política".

Foi, contudo, na segunda metade do século XX – após duas guerras mundiais – que o uso do vocábulo "estratégia" transbordou, referindo-se ao emprego de todas as expressões do poder nacional como instrumentos para atingir os fins políticos, tanto na guerra como na paz.

Assim, a política estabelece "o que" deve ser feito e a estratégia, "como" deve ser feito. A primeira, por si só, configura mero exercício de retórica; a segunda, sem a orientação política, corre o risco de perder-se em ações divergentes ou mesmo conflitantes.

Nas últimas décadas, todavia, o advento de inúmeras empresas de porte internacional tem levado os estudiosos oriundos de diferentes áreas a buscar, na política e estratégia estatais, as mais eficazes metodologias de gestão. Hoje, presidentes, diretores e gerentes das mais diversas instituições, públicas e privadas, lêem livros como "Os Treze Momentos", do chinês Sun Tsu – escrito provavelmente no século III antes de Cristo – "Da Guerra", do citado Clausewitz, e "A Arte de Guerra", de Jomini, adaptando seus conceitos e métodos e utilizando-os com expressivo sucesso.

Política e Estratégia, reunidas, constituem atualmente uma área de conhecimento transdisciplinar, que interage, em especial, com: ciências políticas, sociologia, administração, economia, história, ciências militares, geografia e relações internacionais.

Esmiuçado, aprofundado e aperfeiçoado, o pensamento político-estratégico tem sido fundamental para o sucesso das organizações no mundo cambiante em que vivemos. Por meio dele, os dirigentes adotam uma atitude prospectiva em relação ao futuro, estabelecendo ações preventivas contra as ameaças e explorando as oportunidades que o ambiente externo pode oferecer, tudo com base nas fortalezas e debilidades que a própria instituição deve reconhecer em seu ambiente interno.

O *site* do Instituto Sagres pretende oferecer para debate, em sintéticos artigos, um pouco dos mais avançados métodos, processos, técnicas e conceitos de política e estratégia, bem como algumas avaliações sobre os cenários prospectivos que circulam entre renomados especialistas, nacionais e internacionais. Para quê? Bem, como um corolário das palavras de *Toynbee*, é lícito afirmar que "o maior castigo para quem não se preocupa com o futuro é ter o seu construído por um estrategista".

() Doutor em Política e Estratégia e assessor especial do Núcleo de Assuntos Estratégicos da Presidência da República.*